



EMPIRE and **TOURISM**

AN ANTHOLOGY OF ESSAYS

COORD.

Maria João Castro

LISBON
2019



IMPÉRIO e TURISMO

ANTOLOGIA DE ENSAIOS

COORD.

Maria João Castro

LISBOA
2019



TÍTULO/TITLE

Império & Turismo. Antologia de Ensaios
Empire & Tourism. An Anthology of Essays

COORDENAÇÃO/COORDENATION

Maria João Castro

BOOK DESIGN/GRAFISMO

Pedro Serpa

EDIÇÃO/EDITION

ArTravel

APOIO/SPONSOR

CHAM | FCT

IMPRESSÃO/PRINTED AT

Gráfica 99

Capa a partir de folheto da Exposição Colonial do Porto 1934 e de
folheto das Pousadas-Portugal — Edição SNI

1.ª EDIÇÃO: ABRIL 2019

ISBN: 978-989-99719-2-9

DEP. LEGAL: 452248/19

Nota Introdutória e texto da contracapa traduzidos por Vanessa Boutefeu e financiados pelo CHAM.

This book had the support of CHAM (FCSH/NOVA-UAc), through the strategic
projected sponsored by FCT (UID/HIS/04666/2019).

CHAM | Centro de Humanidades — Centre for the Humanities NOVA FCSH — UAc

Projecto estratégico (UID/HIS/04666/2019)



COLEÇÃO ARTRAVEL V



ÍNDICE

Nota introdutória / Introductory note	7/9
---	-----

PARTE I

Guilherme d'Oliveira Martins	13
<i>Do «Grand Tour» aos exploradores modernos</i>	
Alexandre Ramos	17
<i>Angola Pullman e outras viagens cinematográficas</i>	
<i>nos Caminhos de Ferro de Benguela</i>	
Célia Reis	27
<i>Propostas Turísticas em Macau no primeiro quarto do século xx</i>	
Emília Ferreira	35
<i>Entre ilhas e piratas. Abordagem ao lado b do pensamento imperial</i>	
Eunice Duarte / Fernando Vasques Felizardo	47
<i>À descoberta do Império Colonial Português. Do passado ao presente</i>	
Francisco Silva	57
<i>Turismo em Angola: Desenvolvimento sustentado</i>	
<i>do Parque Nacional do Iona</i>	
Joana Lucas	73
<i>Império e Turismo: a «missão civilizadora»</i>	
<i>francesa entre as colónias e a metrópole</i>	
Nuno Abranja	81
<i>Turismo e cooperação: fatores essenciais para potenciar</i>	
<i>o desenvolvimento de um «turismo colonial».</i>	

Rui Zink	91
<i>Desculpe, não vi</i>	
Sílvia Espírito-Santo	103
<i>O 1º Cruzeiro de Estudantes às Colónias (1935)</i>	
— « <i>uma excursão onde havia de tudo</i> »	
Vítor Sá	113
<i>As colónias portuguesas e o turismo: a visão dos guias de turismo</i>	
PARTE II	
Geoffrey Quilley	125
<i>Empire and Tourism in British India c. 1780-1825:</i>	
<i>The Artistic Travels of William Hodges and Charles Ramus Forrest</i>	
Sarah Ligner	141
<i>Participations des Artistes à l'image touristique de l'empire colonial français</i>	
Andreja Trdina / Salla Jutila	155
<i>'Repackaging' empire: neo-colonial discourse of alternative travellers</i>	
Monica Palmeri	167
<i>A «truly Italian» colony: the promotion of tourism</i>	
<i>during the Italian Fascist dictatorship</i>	
Pieter François	175
<i>Demetrius Boulger and how the debate on Leopold II's</i>	
<i>rule of the Congo Free State changed British perceptions of Belgium</i>	
Sílvia Espírito-Santo	183
<i>The 1st Student Cruise to the Colonies (1935): 'A Multi-Faceted Excursion'</i>	
NOTAS / NOTES	193

DESCULPE, NÃO VI

RUI ZINK

IELT-FCSH NOVA

TURISMO E IDENTIDADE

O princípio poético-benévolos do exotismo e da viagem é ‘ver o outro’. Mesmo os projectos que com maior ou menor justiça podem ser apodados de neo-coloniais implicam isso: o encontro com o outro (nestes casos, o reencontro) em nome da nostalgia de um passado glorioso. Ainda assim, a cautela e os caldos de galinha aconselham a que até o mais caturra saudosista do Império esteja disponível para admitir que, além das glórias, os ‘encontros passados’ terão proporcionado equívocos que, se mal resolvidos, podem deixar marcas e legítimos ressentimentos que só o mais desatento conseguiria ignorar. Nem sempre terá sido por mal, esse encontro desigual com ‘o outro’ nosso semelhante. Convém contudo reconhecer que, quando um carro atropela um peão, o condutor sair nervoso a dizer «Desculpe, não vi» parco consolo é para quem carece urgentemente de hospital.

E, no entanto, ver o outro é preciso — de preferência, antes de o termos atropelado. Se tal não for possível, ao menos depois, e resistindo ao impulso natural da fuga, seja para a frente ou para outro qualquer lado.

O caso do tribunal que fez o julgamento possível do apartheid na cidade do Cabo foi exemplar no bom sentido da palavra: por um lado *perdoou* (a mais tolerante e prática das soluções, embora possa deixar um sabor a injustiça); por outro lado obrigou antigos algozes *a serem confrontados*

pelas suas vítimas, e permitiu a estas alguma paz. Ao menos, se presos não foram, os algozes saíram dali a saber que eram algozes, a confrontar gente a quem tinham feito mal e, mais importante, a considerá-los agora gente, ou seja, não mais a desumaniza-los, antes pelo contrário, a dar-lhes rosto. O nome do processo, sendo poético, era também exacto (como de resto a melhor poesia): ‘The Truth and Reconciliation Commission’. A *Comissão para a Verdade e a Reconciliação* é, creio, uma das grandes obras de arte e humanismo do final do século xx.¹

Também os estudos pós-coloniais, justificadamente em voga nas últimas décadas, atribuem ao reencontro com o outro uma importância premente na redescoberta identitária, sobretudo de ex-colonizados mas também de ex-colonizadores.

A disciplina da Antropologia, sobretudo o ramo cultural, parte desse princípio: ver, e compreender, o outro. Inicialmente, pode argumentar-se que esse ‘ver o outro’ teria implícito um plano de dominação: ver o outro para melhor o tornar nosso, mais eficientemente o domesticar, no sentido radical da palavra domesticar: trazer para a *domus*, trazer para casa.

Nos tempos coloniais, em que havia um dominador e um dominado, um colono e um colonizado, um ocupante e um ocupado, a curiosidade pelo exótico trazia também um daqueles perigos latentes que urgem tabuleta avisante:

Cuidado, risco de derrocada.
Cuidado com os escorpiões.
Quando estiver no Safari Parque
mantenha sempre as janelas fechadas.

O confronto com os humanos não exactamente humanos (tradução: iguais aos europeus) trazia fascinações e perigos. Os riscos eram percebidos pelo próprio imaginário colonial como suficientemente sérios para dar azo a todo um *corpus* de relatos. E um dos maiores riscos-percebidos era o da *cafrealização*, o do «he went native», o de nos perdermos em demasia no

‘outro’. Do ponto de vista colonial esse ‘outro’ era sempre o nosso negativo, fosse pelo lado negativo da palavra ‘negativo’ (a noite, a selva, a natureza violenta da natureza, a incompreensão, a irracionalidade como oposto da suposta ‘racionalidade ocidental’), fosse pelo lado positivo da palavra ‘negativo’: o outro como ‘natureza boa’, não corrompida; o outro como mantendo uma melhor harmonia com o espaço em volta (sobretudo a partir da industrialização; o outro como nostalgia do Éden perdido (Adão e Eva não tapando as vergonhas por não terem vergonha das vergonhas); o outro como memória intacta de um passado recente, um bucolismo que, apesar de alguns riscos, valeria a pena procurar.³

De notar ainda que ‘indígena’ ou ‘nativo’, em princípio designações neutras («o agave é uma planta nativa do México, a perca não é indígena dos rios portugueses») ganham conotação negativa não só na voz comum como inclusive em textos escritos supostamente eruditos: o habitante original e por isso inferior da terra distante por nós até agora desconhecida e por isso por nós agora descoberta. Parece mais complicado do que é.⁴

E a Europa, o velho continente? O velho continente é dotado de dois traços distintivos implícitos desde logo na expressão ‘o velho continente’: ‘+sábio’ mas ‘+velho’ e ‘+estéril’, gasto de tão explorado, com pouco para descobrir. Os outros continentes serão ‘novos’ por duas ordens de razões: ou por se tratarem de descoberta recente q.b. (Américas, Oceânia); ou por, sendo antigos (África), terem permanecido esquecidos e ignorados e podendo agora, como um menino-lobo que julgávamos perdido, regressarem para nos (re)conquistar os corações. Bem entendido, ‘descoberta’ e ‘novo’ denunciam de onde se está a exercer o não despreciando poder do olhar.

Tarzan é esse menino lobo, como o Mowgli de Rudyard Kipling⁵, só que em África; o ‘bom selvagem’ tornado o ser perfeito, por ser branco. Embora pareça ser fruto da selva que o educou (até para as tribos negras ele é ‘selvagem’ e ameaçador), se lhe dermos um bom banho quente e o vestirmos adequadamente ele revelar-se-á Lord Greystoke, regressando em breve a Inglaterra para regenerar as velhas propriedades, Jane incluída.

Aliás, podemos argumentar que, quando se torna o protector da selva — e das ‘boas’ comunidades negras (também há as más), embora ainda pertença a África ele é já a quintessência do aristocrata inglês⁶.

As excursões ao Egipto e à Palestina em finais do século XIX serão sobretudo esse regresso a terras que, apesar de velhas, de tão esquecidas são como novas: lavam os olhos por não as reconhecermos e a alma por de algum modo nos reconhecermos nelas.

A ida ao médio-oriente era ao mesmo tempo uma descoberta e um regresso: afinal aquelas terras pertenciam-nos — isto é, pertenciam ao nosso imaginário — desde há muito, muito tempo. E, mais do que missões arriscadas como as dos exploradores Capelo e Ivens ou Richard Burton, essas viagens eram turismo. Indígenas haveria, mas acorriam à nossa caruagem, barça ou liteira a oferecer deliciosos frutos por uma ninharia, como podemos ver nos filmes de Hercule Poirot passados no Egipto ou na Turquia. A haver exploração, não era a de caminhos até então desconhecidos pelo homem branco.

As viagens à África negra, essas, eram mais problemáticas. África deslumbrava e provocava temor. ‘Selvagem’, ‘perigoso’, ‘hostil’, fosse pela atribuída ‘ferocidade’ das tribos locais, fosse pela fauna ou pela flora. Do invisível mosquito ao leão dormitando na savana ou ao crocodilo fingindo-se ausente sob as águas do rio, a variedade de predadores era impressionante para europeus que, no correr dos séculos, praticamente tinham conseguido extinguir em casa os seus predadores não humanos.⁷

Mesmo tendo as costas sido mapeadas há muitos séculos, a ocidental mais graça aos portugueses, a oriental com mérito também do mundo árabe, o interior ainda era misterioso, quase impenetrável e, em pleno século XIX, muito estava por descobrir.

O texto paradigmático do ‘europeu cafrealizado’ é o relato de Joseph Conrad, *Coração das Trevas*, publicado primeiro em folheto e depois em livro, em 1902. Pelo menos é o mais premente ainda hoje, mercê das suas contínuas reedições e versões cinematográficas.⁸ A novela tem aproximações com o conto «O homem que queria ser rei», de Kipling — é provável

que, dada a proximidade temporal entre os dois (as aventuras de Dravot e Carnehan antecedem o reinado de Kurtz em dez anos) — Conrad tenha lido Kipling. Não necessariamente, todavia: os melhores escritores farejam e interpretam o *Zeitgeist*, o espírito do tempo, e aquela era a época gloriosa tanto da Sociedade de Geografia como da expansão colonial — ainda não ‘agora sem mãos, mamã’ (as mãos sendo necessárias para com avidez agarrarem as riquezas) mas, pelo menos em teoria, ‘agora sem escravatura’.

Júlio Verne escrevera de resto em 1873 *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, a par de muitas outras aventuras exóticas. E nos Estados Unidos, eram também populares as narrativas sobre heróis e anti-heróis na fronteira: os Buffalo Bill, Wild Bill, Billy the Kid. Alguns deles «*went Injun*». ⁹

Três séculos antes, nós tivéramos Camões e Fernão Mendes Pinto como duas faces da mesma moeda: um olhando mais para dentro, o outro mais para fora. Um panegirizando os portugueses, o outro desconfiando que fôssemos superiores. Um fazendo um longo poema épico, o outro prosa despojada, quase jornalística. Ambos, todavia, vendo o outro com alguma empatia. ¹⁰

TAL E QUAL EÇA

Ari Shavit publicou em 2013 um interessante livro híbrido: meio colecção de ensaios, meio tese de História, meio autobiografia, meio reportagem, no qual ele cola a sua experiência pessoal e familiar à de Israel, indo buscar raízes décadas antes da fundação do Estado em 1948. Seja por quem o detesta ou o ama, o aceita ou mal tolera, o deseja vibrante no futuro ou simplesmente aniquilado, Israel é considerado o mais ocidental dos estados do médio-orientes e o único que se reclama herdeiro de uma cultura europeia, através dos pais fundadores oriundos sobretudo da velha Europa — é, pelo menos, o único estado da região a participar na Eurovisão. (E, o ano passado, a ganhá-la em Lisboa.) ¹¹ Diz Shavit, com a mais crua franqueza:

Only when I was a soldier did I grasp that something was wrong. (...) What the hell was going on, I asked myself. Why was I defending my homeland by tyrannizing civilians who were deprived of their rights and freedom? (...) Although I oppose occupation, I am responsible for occupation. I cannot deny the fact or escape the fact that my nation has become an occupying nation.» (2013: 93)

Na ânsia de entender o conflito externo e o conflito interno, Shavit decide contar a história de Israel, mas de uma forma pessoal, idiossincrática, não para fugir à realidade, antes pelo contrário, para tentar agarrar a questão existencial do país que apesar de tudo ama como um todo. E anuncia o método: «Through family history, personal history, and indepth interviews, I will try to tackle the larger Israel story and the deeper Israel question.» (141)

E, para ele, tudo começa com o bisavô, em abril de 1897. Herbert Bentwich embarca numa peregrinação turística até à Terra Santa, como tantos outros burgueses esclarecidos naquela época, nomeadamente o nosso Eça ou, umas décadas mais tarde, Hercule Poirot.

Herbert era boa pessoa: «Like a true gentleman, he loves travel, poetry, and theater» (210). Alta-burguesia britânica, judeu de herança, confortável em ser inglês; praticamente um laico, conforme ao espírito racionalista da época. Uma pessoa virada para o futuro, não para o passado. E, pormenor importante, sem medos próximos, numa confortável situação sem predadores à vista, tal como também estavam os judeus da Polónia e da Alemanha — ele apenas se condoía um pouco com o que primos muito afastados penavam nas mais bárbaras e primariamente anti-semitas Ucrânias e Rússias, onde, aí sim, havia pontuais pogroms, tão raros quão regulares, tão moderados quão assassinos. Essa seria a gente a precisar de um plano B com alguma premência (mas não urgência). E o espírito da época apontava para o médio-oriente. O bisavô de Ari deu por si a viajar até uma terra exótica, vagamente distante e ainda mais vagamente (só intelectualmente) familiar.

Com o avô Bentwich ia uma vintena de outros *homens-bons*, gente privilegiada que naturalmente viajava em primeira classe, com todo o conforto possível na época, embora ocasionalmente tal sofisticação, como acontecia à medida que naquele tempo se ia para Oriente, não os protegesse dos pequenos horrores, cheiros, misérias, desordem.

Só que olhos e narinas estão dispostos a deixar passar muita coisa, na ânsia de vislumbrar o que vale a pena: a beleza da diferença, o lado poético do exotismo e, no caso daquela comitiva de judeus europeus e laicos, um romântico e comovente reencontro com as remotas origens. Olhos românticos mas também olhos empreendedores; olhos engenheiros, perante os quais as possibilidades surgem, naquela tela que, de tão cheia, parece vazia: «They are amazed at the notion of turning Palestine into the Provence of the Orient» (284).¹²

Um só de entre aqueles homens-bons presente que nem tudo é idílico, um escritor com mau feitio que (se calhar não por acaso) é o único pen-dura, indo na luxuosa viagem a custas dos companheiros:

Of the twenty one travelers, only one is not naïve at all. Israel Zangwill is a well-known author whose novel *Children of the Ghetto* is an international best-seller. Zangwill is Sharp-tongued, Sharp-minded, and merciless. He doesn't share my great-grandfather's benevolent conservatism and humane romanticism. There is no need for him to deceive himself, no need to see and yet not see. All that Herbert Bentwich doesn't see, Israel Zangwill sees. (361)

Porque Herbert não vê que... enfim, não vê que já há ali gente. E já há algum tempito. Não apenas uns vagos beduínos, mas dezenas de vilas e centenas de aldeias. O que Shavit conta a seguir é tragicomédia, e quase podia ter sido escrita por Eça, ao estilo de *A Relíquia*:

Riding in the elegant carriage from Jaffa to Mikveh Yisrael, he did not see the Palestinian village of Abu Kabir. Traveling from Mikveh Yisrael

to Rishon LeZion, he did not see the Palestinian village of Yazur. On his way from Rishon LeZion to Ramleh he did not see the Palestinian village of Sarafand. And in Ramleh he does not really see that Ramleh is a Palestinian town. (297)

Podemos pensar que Shavit romantiza o bisavô — não creio. Nós vemos o que os termos que definem o nosso tempo e a nossa personalidade nos permitem ver. Num só ponto creio que Shavit vai demasiado longe, quando diz de modo inusitadamente dramático: «My great-grandfather did not see because he is motivated by the need not to see.» Já a frase a seguir é luminosa também para os portugueses: «He does not see because if he does see, he will have to turn back» (323).

É verdade que em 1897 «não há povo palestino» propriamente dito — como também, então, não há ‘povo angolano’ ou ‘povo moçambicano’, se formos por aí. O século xx foi um extraordinário criador de países, só na Europa são dezenas. Em África e no médio-orientes quase todos, muitas vezes separando nações e tribos, como é sabido, ora sem querer, ora propositadamente. E são identidades em construção, ainda hoje, século XXI adentro. Grande parte das dores de parto de tantos e tantos países advém quicá daí, e já está amplamente estudado e comentado: fronteiras de países não-europeus desenhadas, a maior ou menor distância, por países europeus, alguns destes mais impreparados para serem potências coloniais que outros. O caso do quase genocídio dos Nama e dos Herero na Namíbia, entre 1904 e 1908, é um exemplo flagrante de uma particular, se quisermos ser generosos, ‘impreparação’.¹³

E, no torvelinho, também identidades-em-construção e em trânsito acabam por ser (para mal dos nossos pecados) as dos países colonizadores. Veja-se o caso de Portugal: até este país europeu com fronteiras continentais estáveis há mais tempo (quase um milénio) tem crises de identidade porque, durante cinco séculos, a sua dimensão real e imaginária não parou de variar. Veja-se a propósito a polémica entre historiadores e outros estudiosos acerca de um putativo novo museu sobre o passado que começou

em Quinhentos. O conteúdo do museu é justificadamente questionado — afinal, há já um Museu Nacional de Etnologia com muita arte tradicional africana no Restelo. Este novo terá o quê? Só coisas boas? Só coisas más? Coisas boas mas também coisas más? Coisas más mas também coisas boas? Falará apenas do «encontro entre culturas» ou também dos conflitos? Incluirá uma ala dedicada ao tráfico negreiro — de que dimensão e que pontos de vista serão representados? Que metodologia presidirá à sua mostra, a política ou a científica? E qual das visões políticas e qual das visões científicas? Acresce que, num projecto desta envergadura, só imbecis ou mal-intencionados reclamarão para si o monopólio da objectividade.¹⁴ Acontece, e ainda bem, que entre os próprios políticos e cientistas não há uma visão una (e ‘pura’ e ‘boa’) do assunto. E, repito, quem se reclamar 100% do lado da pureza está manchado de obnubilação do juízo. Aliás, não é só o recheio do museu que é questionado — é, como sabemos, o próprio nome. Museu dos Descobrimentos? Ou das Descobertas? Ou também da Escravatura? Ou do Colonialismo? Ou de...¹⁵

VER O QUE NÃO VIMOS

A verdade — a verdade é que há mais de uma verdade. As guerras provam que gente honesta pode estar em campos opostos e, se houver oportunidade disso, massacrar-se alegremente. Também sabemos, desde os estudos de Lucien Fèvre sobre a crença no século XVI¹⁶, que pensamos o que pensamos na medida em que nos deixa pensar o tempo que nos cabe. E é verdade que incorremos no risco de anacronismo, se medirmos o passado pelos nossos mais recentes (e melhores) valores.

Poderia um próspero burguês europeu do século XIX ver quem não estava preparado para ver? Lembro que ainda hoje muito boa gente retornada de Angola e Moçambique repete, com inocente nostalgia, que «aquilo não era bem assim» e «eles gostavam de nós». E confere: como podemos nós fazer mal a pessoas que não consideramos bem pessoas? Devia ser de

fácil acesso na internet chegar aos factos sobre quais os direitos dos indígenas na Moçambique de meados do século xx, mas não é: a informação factual online acessível é surpreendentemente escassa. Arrisco dizer que a principal fonte de conhecimento do estatuto ambíguo do ‘contratado’ em Angola ainda continua a ser uma canção de Rui Mingas.¹⁷ E mesmo isso só para quem estiver interessado em escutá-la e atentar no que diz, em 1960, o poema de António Jacinto:

Quem se levanta cedo? quem vai à tonga?
 Quem traz pela estrada longa
 a tipoia ou o cacho de dendê?
 Quem capina e em paga recebe desdém
 fubá podre, peixe podre,
 panos ruins, cinquenta angolares
 porrada se refilares?

A verdade? A verdade é que quando eu piso alguém nem sempre dou conta, só (oh, espanto) quando me pisam a mim. Israel fará o seu caminho, e esperemos que no futuro dois estados prósperos coexistam sem necessariamente se apreciarem mas sem também se prejudicarem demasiado mutuamente. Já seria uma evolução, e humanistas lúcidos como Amos Oz (2018) preconizam isso:

My Zionist point of departure, for decades now, has been a simple one: we are not alone in this land. We are not alone in Jerusalem. (...) There must be compromise between Israel and Palestine. There must be two states. We must divide this land into two apartments in a single house. (...) I think that in the lives of families, neighbours and nations, choosing to compromise is in fact choosing life.¹⁸

Shavit concorda, até porque ambos pertencem ao mesmo universo de valores. Aqui não se trata no entanto de concordar ou não com o que, nos

nossos dias, muitos acham dever ser assim, apesar de vozes intransigentes (e que berram mais alto) se levantarem de ambos os lados do conflito em sentido oposto: *ou nós ou eles*. Só que, ao falar da comitiva turístico-empreendedora onde o seu avô ia, tenta fazer-nos compreender que:

The vast majority of the Palestinians of 1897 live in humble villages and hamlets. Their houses are nothing but dirt huts. (...) they are hardly noticeable to a Victorian gentleman. (...) If one is a proud subject of the British Empire, it is quite understandable that one would see the land as a no-man's-land. As a land the Jews may legitimately inherit. (314)

É com simpatia pelo bisavô que Ari Shavit pergunta: «Is this colonialism?» E perante o nosso silêncio ele próprio, a contragosto, dá a resposta: «If it looks like a duck and quacks like a duck, it probably is a duck. The photographs are incriminating: white safari suits, cork hats, Thomas Cook tents.» (397)

À ESPERA DO SUAVE MILAGRE

Talvez seja altura de concluir. Ao livro só o posso recomendar — e esperar que, para Portugal, uma obra equivalente possa aparecer, com igual pertinência, pessoalidade, documentação e, *last but not least*, bonomia. Pertenço há vinte anos a uma associação que ajudei a fundar, A ACA-M, cujas siglas designam não um museu integrando uma fundação criada por um homem que em algo me lembra Herbert Bentwich — Calouste Gulbenkian, que em Portugal encontrou primeiro um refúgio e depois um lar, ele próprio (como Charles Aznavour/ian) descendente de um povo que quase teve um destino muito semelhante ao dos Hereros, e ao CAM, Centro de Arte Moderna, hoje um dos pilares da Fundação Gulbenkian.

ACA-M é a sigla de Associação de Cidadãos Auto-Mobilizados, e o nosso móbil tem sido a segurança rodoviária e o combate à cultura

(pouco a pouco recuando, mas ainda vigente) de displicência tanto para com as vítimas da estrada como para o modo como a estrada faz vítimas. E lá vamos pacificamente lutando, com a paciência de uma Karen Blixen: «Escrevo todos os dias, sem grande esperança, sem grande desespero». Blixen por sinal autora de um livro de memórias (*Den afrikanske Farm*, 1937) cuja versão fílmica¹⁹ tanto quanto sei só em Portugal teve um título tão pregnante de sentidos como África minha — todo um programa e indiciador de muitas histórias por resolver e, quiçá, a carecer museu.²⁰

Na ACA-M estamos bastante familiarizados com o que tantas vezes desde há décadas cidadãos-ao-volante dizem quando descobrem que atropelaram (ou seja: pisaram) alguém:

«Desculpe, não vi.»

BIBLIOGRAFIA

- BLIXEN, Karen. 1937. *África minha*, Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- BURROUGHS, Edgar Rice. 1912. *Tarzan of the Apes*. Nova Iorque: A. C. McClurg.
- CAMÕES, Luís de. 1570. «Endechas a Bárbara» in *Lírica Completa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981.
- CONRAD, Joseph (1899), *Heart of Darkness*. Londres: Blackwood's Magazine.
- FÉVRE, Lucien. 1942. *Le problème de l'incroyance au XVI^e. Siècle. La religion de Rabelais*. Paris: Albin Michel.
- KIPLING, Rudyard. 1888. «The man that would be King» in *The Phantom Rickshaw and other Eerie Tales*. Calcutá: A. H. Wheeler & Co.
- MENDES PINTO, Fernão. 1612. *Peregrinação*. Lisboa: Ribeiro de Mello, 1978.
- JACINTO, António. 1960. «Monagambé» in MINGAS, Rui, *Monagambé e outras canções angolanas*. Lisboa: Strauss, 1995.
- QUEIRÓS, Eça de. 1887. *A Relíquia*. Porto: A. J. Da Silva Teixeira.
- OZ, Amos. 2018. *Dear Zealots*, Londres: Chatto & Windus (ebook). Ed. port.: *Caros Fanáticos Dom Quixote*.
- SÁBATO, Ernesto. 1979. *Apologías y Rechazos*. Barcelona: Seix Barral.
- SHAVIT, Ari. 2013. *My Promised Land — the Triumph and Tragedy of Israel*. Nova Iorque: Spiegel & Grau. Ed. consultada em Kindle.
- VERNE, Jules. 1873. *Le Tour du Monde en 80 jours*. Paris: Pierre-Jules Hetzel.